

Bosco Deleitoso, edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, Luís de Sá Fardilha e Maria de Lurdes Correia Fernandes (V. N. de Famalicão: Ed. Húmus, 2022), ISBN: 978-989-755-856-6. 274 pp.

Múltiplas razões – umas científicas, outras afetivas – nos impelem a saudar a segunda edição crítica do *Bosco Deleitoso*¹, obra quatrocentista portuguesa cujo autor permanece até hoje por deslindar. A edição anterior, inscrita há muito no rol das raridades bibliográficas, havia saído em 1950, no Rio de Janeiro, pela mão do jesuíta de origem francesa Augusto Magne (1887-†1966), cujo labor filológico interrompera, em boa hora, um longo silêncio de 435 anos relativamente à primeira impressão conhecida – feita em 1515, por Hermão de Campos –, na capital do reino. É que, cumpre aqui dizê-lo, o Pe. Magne já tinha a precedê-lo (e faz questão de o deixar exarado) o difícil exemplo de Abílio Roseira, estudioso que Átropos surpreendera antes de a sua edição do *BD* ver a luz do dia.

Título incontornável da literatura medieva, a que a culta rainha D. Leonor (1458-†1525) reconheceu valor bastante para a mandar imprimir, na expectativa de que aprovesse a muitos, o *BD*, atestando a sua perenidade, contará ainda com pelo menos outro leitor ilustre: D. Manuel II (1889-†1932).

De facto, este rei bibliófilo mostrava-se ufano com o seu exemplar “absolutamente perfeito” e em “extraordinário estado de conservação”, partilha que logo trata de concretizar um pouco mais: “guarda a sua admirável encadernação primitiva, de tábuas revestidas de couro lavrado, de um finíssimo trabalho mozárabe”².

Volvidos muitos anos sobre este relato, continua a ser indiscutível que a obra anónima protagonizada por uma alma peregrina se reveste de particular interesse para a história da filosofia em Portugal *em linguagem* e para a receção do petrarquismo em solo português, como já o assinalara a Professora Rita Marnoto na sua dissertação de doutoramento (1994).

No texto introdutório da sua edição, datada de 2 de fevereiro de 1950, Augusto Magne adotava, por meio de uma delicada personificação, um tom de prudência face à predisposição da comunidade leitora para receber o *opus*: “anima-se o venerando cimélio quinhentista a defrontar-se, tímido e receoso, com o sorriso escarinho e compassivo de leitores mal preparados para acolher-lhe com proveito e simpatia as graves e severas lições.” À confiança na vivacidade da prosa contrapunham-se algumas reservas ligadas ao estado da língua do texto, eventualmente dissuasoras para os menos familiarizados com o português medieval. E a questão preocupava-o sinceramente, pois, nesse mesmo ano, o jesuíta dava à estampa o primeiro volume de uma hercúlea empresa – o *Dicionário da língua portuguesa: especialmente dos períodos medieval a clássico* – cujo sucesso teria exigido outros meios e mais operários na messe.

¹ Doravante citado apenas pelas iniciais *BD*.

² *Livros antigos portugueses 1489-1539*, Londres, 1929, vol. I: 288.

Ao publicar o *BD*, Magne anunciava o aparecimento de um segundo volume, onde apresentaria “excursos elucidativos e extenso glossário” (p. XII), querendo, talvez à semelhança do que fizera para a *Demanda do Santo Graal*, organizar um instrumento lexicográfico que iluminasse a leitura do tratado, revelando que do gotejar de cada palavra isolada, na aparência longínqua, se criava uma prosa sensorial remoçada (citemos apenas um passo do cap. XXXVIII, p. 65: “Nom há em o ermo nenhum a que o solitário faça afagos com seu gesto ou com seu cantar, nem há i a quem faça deleitação com cores, nem a quem aposte o vestido da púrpura, como fazem aos senhores os que os querem afagar, nem há em no ermo a quem venda o solitário o óleo das louvaminhas, nem a quem teça grilandas frolidas de palavras, nem há i a quem louve si mesmo, nem há i a quem se trabalhe de prazer, senom ao Senhor Deus”). Mas, infelizmente, tal plano não chegou a transpor o plano das intenções.

A edição, preparada *ad usum delphini*, seguia critérios que o ilustre filólogo considerava geradores de uma consulta amigável, desde logo através da simplificação da grafia e de uma tentativa bem-intencionada de desoprimir o texto, conferindo-lhe uma malha menos compacta que a divisão em partes e alíneas corroborava. Sem querer melindrar, no entanto “o gosto mais apurado de medievalistas sabedores” (p. XI), remetia-os para uma outra esfera sonhada e para outro projeto adiado: o fac-símile que devia integrar “a biblioteca fac-similar e crítica de literatura medieval e quinhentista (p. XII).

A equipa que, em pleno século XXI, deitou abençoadas mãos à reedição desta magnífica pérola da literatura medieval permitirá com certeza aos jovens leitores colherem antigos e novos sentidos num texto que nos relembra oportunamente a vulnerabilidade humana e a evidência da morte, a premência de impor um ritmo diferente a uma temporalidade antropofágica. Já aqueles que, aventureiros reincidentes, se reencontram com o exigente e rigoroso *modus videndi* aqui veiculado devem alegrar-se com a iniciativa e assumir a missão de aprofundar o estudo do *BD*, na senda de Mário Martins (1956), Aida Dias (1989), Lênia Mongelli (2001), Maria de Paulos (1994), Maria do Rosário Rosa (1999) e Zulmira Santos (2013).

A presente edição, integrada na Coleção ‘Textos e estudos de Filosofia Medieval’, beneficia de um prefácio e de uma introdução esclarecedores, pródigos em informações sobretudo para quem se propõe entrar no *Bosco* pela primeira vez. Se dúvidas houvesse sobre a relevância do livro para a história das ideias e das correntes do sentimento religioso em Portugal, elas facilmente se quebravam com a leitura dessas páginas iniciais, valorizadas pela exibição de estampas do exemplar do *BD* existente na Houghton Library da Universidade de Harvard.

Nas “Notícias de Apresentação” o Professor José Adriano de Carvalho aventa a hipótese de o autor da obra ser dominicano ou de manter uma relação de proximidade com a ordem dos Pregadores (pp. XXIV-XXVIII). Além disso, estabelece, num gesto inédito, uma relação intertextual entre o papel tutelar do anjo que guia o itinerário da alma peregrina do *BD* e a *Oratio ad proprium cuiusque angelum*, cujo teor devocional terá influenciado a estratégia compositiva que harmoniza o começo e o

fim da obra – aquela em que a dependência face ao *De Vita Solitaria* se torna menos evidente. De notar ainda que a oração vem traduzida a páginas 247-255.

Optando por uma transcrição “tendencialmente regularizadora”, com indicação em nota de pé de página de “erros, acrescentos e correções”, os editores também modernizaram a pontuação e introduziram ao longo do texto sinais que entenderam facilitar a compreensão do mesmo, com vista à chegada a um “público mais alargado que o dos historiadores da língua ou dos caçadores de curiosidades” (Meirinhos, p. XIX). Situam-se nessa linha de adjuvantes o glossário e o índice onomástico que, decerto, nem os neófitos hão de desamparar, quais barões trepadores, entre os densos arvoredos deste Bosco.

Numa nótula escrita em 2011 pela autora destas linhas partilhavam-se algumas ideias sobre o valor do *BD* no âmbito da filosofia em língua portuguesa, em particular na averiguação do seu contributo para um maior conhecimento do nosso léxico teológico-filosófico medievo. Na verdade, no cerne deste elogio da solidão e do rigor ascético imposto à alma errante, trânsfuga da mundanidade, está não só uma forma de expressão que merece uma cuidada análise, como a seiva de uma filosofia laica florescente em solo áulico que Ruedi Imbach estudou a nível europeu, mas que nós ainda mal começamos a mapear. “É a hora”, poderemos dizer fazendo vénia a Pessoa.

Com as novas edições do *Horto do Esposo* (2007) e do *Bosco Deleitoso* agora disponíveis, graças ao empenho de equipas de especialistas portuguesas, resta-nos desejar que se complete a “trilogia” integrando neste movimento de recuperação dos nossos textos de teor místico o *Virgeu de consolação* que despontou em 1959, na Baía, sob o olhar de Albino de Bem Veiga.

Marisa das Neves Henriques

Universidade de Coimbra

marisaneves.henriques@gmail.com

Orcid: 0000-0002-7268-0565

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_63_8